



O processo de desindustrialização e a dinâmica dos investimentos na indústria de transformação brasileira entre as décadas de 1980 e 1990

Rosylli Sara R. Oliveira*, Bruno M. De Conti

Resumo

Partindo da ideia de que o atual desempenho da indústria brasileira possui estrita relação com as transformações ocorridas entre 1980 e 2000, o principal objetivo dessa pesquisa é entender como a combinação de diferentes fatores condicionaram a evolução dessa indústria, em especial, a indústria de transformação, olhando para a dinâmica de uma variável específica: o investimento. A hipótese é que esses fatores não poderiam ser isolados no espaço geográfico brasileiro e muito menos nesse mesmo período (1980 e 1990). Assim, a análise procurou ser também internacional e histórica (recorrendo a autores como Celso Furtado, Caio Prado Jr. e Florestan Fernandes).

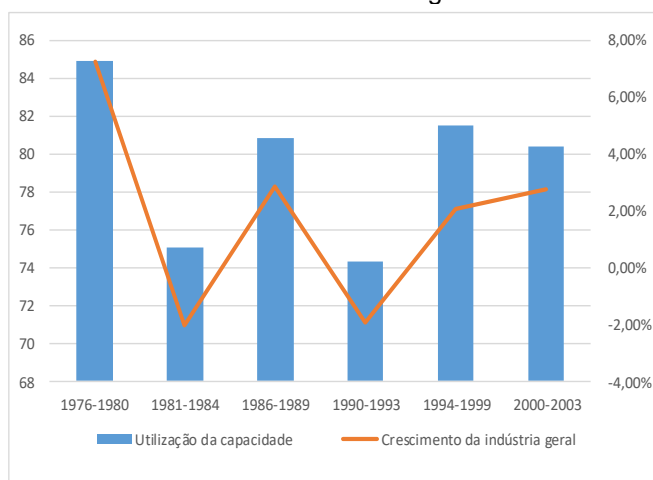
Palavras-chave:

taxas de investimento, cenário internacional, setor público e privado.

Introdução

Consideramos a desindustrialização como um processo, precoce e negativo, que está em curso na nossa economia hoje. Dado que, como é possível observar no gráfico abaixo, o patamar da taxa de crescimento da indústria, não apenas apresenta comportamento irregular, como se reduziu um pouco mais que à metade (de 7% a.a para cerca de 3% a.a), comparando o final da década de 1970 com as duas décadas seguintes.

Gráfico 1. Indicador de utilização da capacidade instalada e taxas de crescimento da indústria geral



Fonte: IBGE. Séries históricas. Elaboração própria.

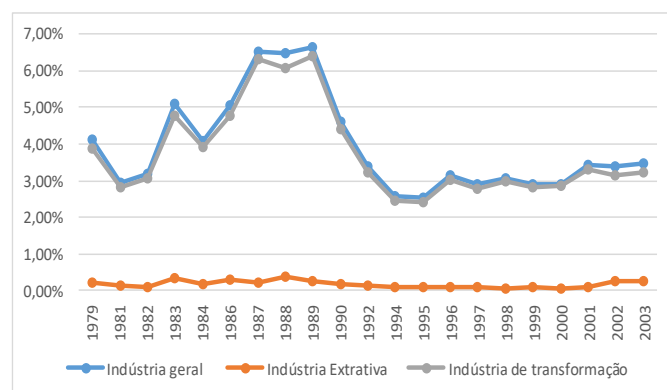
Isso pois, em 1980, a indústria brasileira foi prejudicada pela política fiscal dos EUA, seguida da crise da dívida externa e inflação. E em 1990, a abertura comercial e financeira imposta e a política de estabilização monetária impuseram pesadas restrições à indústria devido à valorização cambial, juros elevados – fatores que beneficiam os serviços (comércio e finanças) – e redução do investimento público e privado.

Resultados e Discussão

Como mostrado no gráfico 2, os primeiros anos da década de 1980 foram recessivos, com exceção de 1982 – por ser ano eleitoral, as políticas monetárias e creditícias foram afrouxadas. Em 1983, contudo, devido à maior submissão ao FMI por causa da moratória mexicana, as políticas ortodoxas se intensificaram. A partir de 1984, o setor se recupera, inicialmente, puxado pelas exportações

industriais; em seguida, devido aos efeitos, na renda e no emprego, do resultado do ano anterior e do Plano Cruzado. Mas a taxa de investimento declina continuamente na primeira metade da década de 1990 (se estabiliza em torno de 3% até o fim da década), devido aos sucessivos fracassos de planos de estabilização monetária e à situação política. Após o plano real, se por um lado, existiam, para o investimento, muitos fatores favoráveis (aumento do salário-real e restabelecimento do crédito); por outro, haviam muitos desfavoráveis (apreciação cambial – seguida de instabilidade cambial após 1998 -, vulnerabilidade da economia às crises externas e elevada taxa de juros).

Gráfico 2. Taxa de investimento (FBCF/PIB) em setores selecionados.



Fonte: SIDRA. PIA – Empresa. Elaboração própria.

Conclusões

Como o período mais recente mostra (2003-2016), os problemas estruturais sozinhos não impedem a existência de um ciclo de crescimento em um contexto mundial favorável. Assim que esse contexto muda, contudo, e a resposta interna é insatisfatória, a situação se complica. Essa “restrição externa” sempre se apresenta devido à falta de um projeto nacional de desenvolvimento sustentado. Desde 1980, o setor público é quem sempre fica com o ônus; o setor privado se preocupa mais com a garantia de rentabilidade e redução de custos do que com o investimento expansivo. A dificuldade desse projeto, assim, está na ausência de uma classe empresarial comprometida com o destino do país, ponto comum nas análises de Furtado, Florestan e Prado Jr.